O Ensino de Idiomas na Comunidade Civil Norteamericana

Concordo plenamente com o artigo do Coronel da Força Aérea John Conway, Reformado, *"Civilian Language Education in America"* [ASPJ-E, Fall 2010; ASPJ-P, 4º. Trimestre 2010] Quando tem a ver com idiomas, existe, na verdade, uma falta de conexão entre o CPOR, a Escola de Treinamento de Oficiais e a Academia da Força Aérea, de um lado, e o restante da Força Aérea, do outro. Uma de minhas Especializações no Instituto Militar de Virginia (uma das cinco escolas militares mencionadas pelo Cel Conway) foi o Francês. Diplomado em 1994 quando o mundo era bem diferente [após o 11 de setembro 2001]. Iniciei estudando o Francês no oitavo ano escolar e agora penso que teria sido melhor iniciar ainda mais cedo, uma vez que minha fluência agora é quase completa.

Em minha opinião, as forças armadas concentram-se agora em Farsi e Pashto o que é apropriado, uma vez que esses dois idiomas indicam "o prato do dia" em empreendimentos militares atuais. Entretanto, as forças parecem estar colocando menor ênfase em outros idiomas. A prova é que estão cancelando o bônus salarial para proficiência em idiomas estrangeiros aos militares que falam um ou mais dos "Três Grandes" idiomas, a menos que seja o requisito do posto a que foram designados. Contudo, ainda assim necessitamos daquelas "Três", a fim de manter vínculos com aliados valiosos tanto na Europa como na Ásia. As oportunidades de aperfeiçoar esses idiomas estão disponíveis, se arcarmos com o custo e somente após o expediente de trabalho.

Talvez seja somente um dentre os muitos oficiais que falam o Francês. Contudo gostaria de expor o seguinte: descobri que quando utilizo o Francês com pessoas cujo idioma é o Francês, o diálogo, i.e., a relação, é mais sólida porque tento falar em seu idioma e não esperar que falem o Inglês (assim, o *quid pro* quo melhora, e muito). Além disso, percebo que o conceito de desenvolvimento de equipe da Força Aérea, no mínimo dentro das forças combatentes mal dá ênfase à habilidades lingüísticas, a menos que as equipes necessitem preencher uma cota em particular para escola de educação de desenvolvimento intermediário ou superior. Baseado em observações de outros a quem servi de mentor durante o processo de educação militar profissional, creio que os membros sem habilidade linguística ou qualquer interesse na mesma frequentemente são aqueles que recebem a oportunidade de preencher aquelas cotas e que acabam aceitando-a, mas com relutância. Os indivíduos que clamam usar a habilidade linguística que adquiriram antes de ingressar à Força Aérea contam com poucas oportunidades para isso. Creio que a Força Aérea não está avaliando o grupo de oficiais para ficar cientes da lista completa de habilidades que possuem e que não estão utilizando o pessoal que já possuem habilidades linguísticas. Sou adjunto militar qualificado e trabalho para o Estado-Maior da Força, enquanto minha habilidade linguística acumula pó, porque a minha designação de adjunto foi cancelada três anos atrás. Estou disposto a dialogar a respeito.

Ten Cel Timothy P. Lyon, *USAF*
Pentágono, WA D.C.

Li o artigo do Cel John Conway com interesse. Minha formação inclui diploma do *Defense Language Institute – DLI* em Coreano, após o que servi de especialista naquele idioma como oficial de inteligência [especialista em sinais] e reitor assistente em três diferentes escolas para o Centro de Idiomas Estrangeiros do *DLI*. Aposentei-me em 1998. Embora o Cel Conway toque em muitos bons pontos, creio que o melhor meio para fazer uso de oficiais qualificados em idiomas menos lecionados seria enviá-los ao *DLI*.

O Exército possui ótimo programa de oficiais em áreas estrangeiras e envia muitos a treinamento de idiomas. Durante a ativa, a Força Aérea tentou iniciar um programa para oficiais em área estrangeira, mas sem muito sucesso. Não sei se a situação melhorou. Pode ser que as faculdades estabeleçam programas em certos idiomas, mas restrições financeiras, entre outras, talvez não permitam que tais programas continuem durante longo período de tempo. Se uma das forças necessita treinamento em idiomas para os membros, o *DLI* obtém os recursos para iniciar e manter os programas pelo pe-

ríodo de tempo necessário. Além disso, o *DLI* pode enviar equipes ambulantes para providenciar educação atualizada, quando necessário.

Uma possível fonte de oficiais com habilidades linguísticas em idiomas menos lecionados é o grupo de criptólogos alistados. Creio que a proporção de retenção de linguistas seja muito elevada após o primeiro termo de alistamento. Por que não incrementar tentativas em recrutar aqueles linguistas habilitados como oficiais? Quando servi de instrutor de curso para oficiais de inteligência, especialistas em sinais, em 1980, treinei muitos linguistas que haviam adquirido a habilidade antes de ingressar à Força. Esse programa virtualmente desapareceu quando a alta hierarquia militar começou a ficar preocupada de que grande número desses oficiais decidiria aposentar-se antes de obter o escalão e estar qualificado a preencher postos administrativos e de comando.

Embora a educação civil certamente possa ser útil aos militares, se a força realmente deseja manter os oficiais com alta habilidade linguística, envia-os ao *DLI* de um ou outro modo. Assegura-se de que obterão funções que na verdade utilizam tal habilidade, assegurando-se de que contarão com tempo e recursos para manter a proficiência. Talvez a qualificação em idiomas estrangeiros deva ser um dos requisitos para promoções.

Maj Michael Malkovich, *USAF*, Reformado
Monterey, Califórnia

A Arte da Persuasão

Como já desempenhei as funções de jornalista, redator de propostas e profissional de comunicações empresariais, só posso aplaudir as dicas da Cap. Lori Katowich aos autores contribuintes em seu artigo "A Persuasão: Uma Arte" [2º. Trimestre 2010]. Sua orientação é elegante e universal: remover as referências específicas à publicação e o conselho traduz-se a qualquer pessoa que deseja persuadir. Coloco em prática a essência dessas dicas por mais de 20 anos e descobri que o que escreveu é valioso, eficaz e infelizmente, frequentemente ignorado. Recomendo seu artigo como leitura requerida a todo novo contribuinte, ou pelo menos aqueles com quem eu poderia concordar. Obrigado.

Lance Martin
Waco, Texas

Devem os Estados Unidos Manter a Tríade Nuclear?

Em seu artigo [ASPJ-Português; ASPJ-English Summer 2010; ASPJ-Mandarim, Primavera 2010] o Dr. Adam Lowther conclui que desde que a eficácia da dissuasão norteamericana e a dissuasão difusa continue a depender de forte e duradoura tríade nuclear, "o enfraquecimento da tríade nuclear não é sábio" (ASPJ-Português, pág 28].

Compreendemos que a reavaliação das diretrizes de dissuasão torna-se necessária, devido as mudanças no ambiente internacional. Apó a Guerra Fria, surgiram as ameaças não tradicionais à segurança e tornaram-se foco das diretrizes norteamericanas. O autor reconhece as mudanças ambientais, ainda assim não tem a intenção de propor adaptação à teoria tradicional de dissuasão. Tudo que faz é reinterpretar a velha teoria sob os novos parâmetros ambientais, alcançando aquela antiga conclusão. Isso fez com que eu sondasse a base da teoria tradicional da dissuasão que evoluiu durante os anos 90 até chegar à garantia de mútua *destruição [Mutual Assured Destruction – MAD]*. Baseada em ciência econômica clássica, a teoria pressupõe entidades independentes tomando parte em relações internacionais, exercendo auto-controle sensato, criando e mantendo a lei e a ordem, aproveitando ao máximo o auto-interesse e a jogada. A teoria *MAD* adota o poder de persuasão da economia clássica. Enquanto isso, contudo, essa mesma teoria parece ser muito rígida, porque rejeita mudanças em parâmetros ambientais que afetariam a suposição em que se baseia. Em outras palavras, a teoria *MAD* assume que as relações internacionais foram e continuam sendo dominadas pela tendência instintiva dos "jogadores" da nação-estado em defender o auto-interesse. Assim, não é de surpreender que o Dr. Lowther, embora vendo as mesmas mudanças de parâmetro ambiental percebidas pelos abolicionistas nucleares, não é capaz de oferecer uma solução que se dirige ao impacto de tais mudanças.

O interessante é que o Dr. Lowther também cita o famoso argumento de Francis Fukuyama de que a democracia liberal Ocidental desempenhou papel vital em ganhar a Guerra Fria (*ASPJ-English*, pag 25). Os leitores receberiam maior benefício se o Dr. Lowther tivesse dado outro passo, comparando esse argumento à teoria *MAD*, dirigindo-se às diretrizes norteamericanas atuais, referentes à dissuasão nuclear e como readaptá-las de acordo. De fato, o mundo em rápida mudança força as

pessoas a verificar uma vez mais o número de teorias políticas baseadas em economia clássica. Os analistas tentam optar entre a força bruta e a fé, como o denominador comum do comportamento e relações humanas de uma nação para com outros países. Em consequência, quando discutimos a dissuasão nuclear, devemos manter em mente que muitos atribuem o colapso da União Soviética ao poder da fé e não ao da força física.

Zhang Xinjun
Tsinghua University, Beijing, China

O excelente artigo do Dr. Lowther de forma clara e concisa expressa muito bem a razão do desenvolvimento estratégico da tríade nuclear e por que necessitamos mantê-la a fim de assegurar a continua segurança dos Estados Unidos. Já faz tempo que ando bem preocupado com a óbvia tendência à *desnuclearização* em nossa estratégia militar e não compreendo por que não existe debate sério acerca dos méritos duvidosos do que é, em essência, um desarmamento. Estou grato em ver que o Dr. Lowther e a *Air and Space Power Journal* abriram a discussão.

A experiência demonstra que sempre que o custo e o risco de engajamento em "más ações" são reduzidos, o resultado é que se empreende número cada vez maior de tais ações. É por isso que aumentamos a segurança em aeroportos. Embora o número de sequestradores ou de pessoas cujo fim é a destruição de aeronaves, não tenha diminuído, o aumento em segurança aumentou muito o custo e o risco que futuros sequestradores agora enfrentam, reduzindo o número de atentados.

A tríade nuclear vem sendo dissuasão eficaz há décadas e sua necessidade não desapareceu. De fato, é fácil notar que o perigo de agressão contra os Estados Unidos e o número de organizações que desejam empreendê-la vem aumentando.

Com isso em mente, a mensagem do Dr. Lowther deve alcançar o maior número de pessoas possível para que o público possa compreender o que está em jogo, perguntando aos líderes porque seguimos caminho tão perigoso.

Frank J. Hannaford
Omaha, Nebraska

As opiniões expressas ou insinuadas nesta revista pertencem aos seus respectivos autores e não representam, necessariamente, as do Departamento de Defesa, da Força Aérea, da Universidade da Força Aérea ou de quaisquer outros órgãos ou departamentos do governo norte-americano.